

RELIGIÃO E SEXUALIDADE: PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES DA PERSPECTIVA DE JOVENS PENTECOSTAIS DE RECIFE/PE - BRASIL

Maria de Fátima Paz Alves
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil

Resumo: Ser um/uma jovem da Assembleia de Deus, igreja pentecostal clássica, no contexto urbano de Recife/PE-Brasil, remete a uma distinção, a visões de mundo e modos de vida que, em princípio, guardam especificidades em relação àqueles compartilhados pelos/as demais jovens em sociedade. Isto implica na busca por várias formas de afirmação enquanto jovens crentes, crises, conflitos e negociações com a família e/ou lideranças da igreja ante a crescente presença e participação nas diferentes esferas do “mundo secular”. Fazer parte deste grupo religioso representa um diferenciador moral, associado a um *habitus* ancorado num *ethos* religioso em que é central a dimensão da sexualidade. Dessa perspectiva, no artigo detemo-nos na análise do modo como estes jovens pensam e vivenciam relacionamentos amorosos, destacando sua percepção sobre virgindade e homossexualidade. Ele tem por base pesquisa qualitativa feita entre 2006 e 2008, realizando-se, como parte da investigação, entrevistas semi-estruturadas (em profundidade) com jovens e adultos, observações de cultos, cerimônias, eventos e momentos informais da vida cotidiana dos/as entrevistados/as.

Palavras-chave: Pentecostalismo; juventude; sexualidade.

Abstract: Being a young Assembly of God Pentecostal church classical, in the urban context of Recife, Brazil, refers to a distinction: the world views and lifestyles that, in principle, guard against those characteristics shared by other young people in society. This implies the search for various forms of affirmation as young believers, crises, conflicts and negotiations with the family and/or leaders of the church against the growing presence and participation at different levels of “secular world”. Being part of this religious group represents a distinctive moral *habitus* associated with one anchored in a religious *ethos* that is central in the dimension of sexuality. From this perspective, the article focuses on the analysis of how these kids think and experience loving relationships, especially their perception of virginity and homosexuality. It is based on qualitative research conducted between 2006 and 2008, carrying out, as part of the investigation, semi-structured interviews (in depth) with youth and adults, made observations of cults, ceremonies, events and informal moments of everyday life of respondents.

Keywords: Pentecostalism; Youth; Sexuality.

Ser jovem no contexto pentecostal da Assembleia de Deus, no caso que apresentaremos aqui, implica em seguir um caminho que contraria, em princípio, o que é vivenciado pelos/as demais jovens em sociedade. Tal afiliação representa, provenha-se ou não de berço evangélico¹, a escolha por uma distinção (Bourdieu, 2007), que se atrelada a uma vivência religiosa que implica em seguir padrões de conduta que remetem a uma separação da sociedade inclusiva – “do mundo secular” –, particularmente de determinados elementos “perigosos” desta, vistos como nocivos à vida cristã. Por fim, exige-se um disciplinamento da mente e do corpo, de modo que em cada gesto, na forma de vestir e de falar, se demonstre que se trata de alguém “separado do mundo”.

A percepção do “ser diferente” apresenta distintos acentos, destacando-se a noção de separação “do mundo”, vista como algo positivo e superior ao que vivenciam os/as demais jovens, com a contínua afirmação que se é “normal” apesar da diferença. De qualquer forma, também se vivenciam situações e conflitos comuns aos jovens de hoje, já que também se comunga, num amplo sentido, de uma realidade similar enquanto juventude. Ambiguidades e ambivalências são apreendidas nas falas dos/as interlocutores/as, conforme demonstraremos ao longo do trabalho.

A categoria “juventude”, a que remete o artigo, não pode ser apreendida de modo uniforme ou idealizado, pois há uma enorme variedade de identidades por ela recobertas em função de contextos históricos e ordenações sociais em que emerge (Bourdieu, 1983; Alvim, 2007; Abramo, 2005; Novaes, 2005). Para Novaes (2005), recortes de classe social, gênero, cor, local de moradia e situação de responsabilidade frente à família podem ter suas fronteiras reforçadas e/ou flexibilizadas a partir de outras variáveis que funcionam como demarcadores de identidades, não só porque refletem adesão a certos conjuntos de valores e de referências culturais, mas também porque criam redes de sociabilidade específicas. Isso ocorre, por exemplo, em grupos definidos por orientação/opção sexual, a partir de gostos ou estilos culturais ou por meio de pertencimentos associativos, religiosos e políticos. Scott e Franch (2002) buscam compreender a juventude por meio da valorização de realidades particulares em conexão com contextos mais amplos de poder – ideia com a qual nos identificamos em nosso trabalho.

A Assembleia de Deus, uma das duas primeiras denominações pentecostais implantadas no país², se caracterizou desde seu início, pela intensa participação leiga e rígida hierarquia de um clero, constituído, majoritariamente por homens adultos ou idosos. Sua centralidade na expressão dos

“dons do espírito” e sua rigidez em relação às exigências sobre a aparência e comportamento dos fiéis: “usos e costumes”, como costumavam e ainda costumam denominar seus adeptos e lideranças, lhe transformaram numa espécie de modelo. Seus fervorosos adeptos, que difundiram suas ideias religiosas e formas de comportamento, foram denominados “crentes” (Mafra, 2001).

A denominação atravessa nos dias atuais uma etapa de transição, sendo talvez a que se encontre num maior embate – que se configura através de uma heterogeneidade de discursos e disputas internas - em relação à identidade que construiu e sua redefinição, para o que tem contribuído a concorrência com as igrejas neo-pentecostais (Freston, 1994; Mariano, 1999, 2004) que, com seus métodos inovadores de evangelização (com forte uso da mídia eletrônica) e flexibilização das exigências sobre comportamento dos fiéis, tendem a recrutar crescentes fatias de adeptos — notadamente jovens — para suas fileiras.

A conversão de pessoas pertencentes às classes médias, além do crescimento dos níveis de renda e de escolaridade entre os assembleianos, também têm pressionado no sentido de mudanças em relação a sua organização e as normas relativas aos “usos e costumes” exigidos. Como manter o rigorismo de uma tradição religiosa numa época em que “valores modernos” se tornaram hegemônicos e as fronteiras entre igreja e “mundo” se mostram cada vez mais tênues ou mesmo permeáveis (Freston, 1994; Baptista, 2002; Machado, 2005; Duarte, 2005, 2006).

Capitular ou fechar-se no fundamentalismo? Ao que parece, uma passagem pelo meio, não sem a presença de discursos e práticas ambíguas e ambivalentes, se apresenta como a alternativa mais freqüentemente utilizada no contexto local nos dias atuais; com avanços e recuos, a depender de certos nuances e marcadores com os quais se lida.

Observa-se a vigência de um modelo que envolve dureza e tolerância, sendo a dureza mais presente para os “mais periféricos”, menos escolarizados, mais pobres e para as mulheres, e a tolerância relacionada mais diretamente aqueles/as que freqüentam os templos mais centrais, tem maior escolaridade, pertencem às camadas médias da população e são homens. Isto representa uma tentativa de manter-se e mesmo fazer progredir uma estrutura por demais heterogênea, o que, entretanto, nem sempre logra o êxito esperado, principalmente em relação aos/as jovens.

Eles representam o segmento mais afetado por tal impasse, pois, ao tempo em que apresentam estilos peculiares que os distinguem de outros

jovens ou grupos de jovens, se interconectam e interagem com eles no cotidiano, influenciando-os e sendo por eles influenciados. Neste artigo, descrevemos as especificidades ligadas ao sentido de ser jovem e afiliado a uma igreja pentecostal clássica em Recife/PE (Nordeste do Brasil), destacando de modo particular como os/as interlocutores/as concebem a vivência da sexualidade neste contexto.

Pernambuco é tido como um dos estados em que há uma maior rigidez na exigência sobre “usos e costumes”, buscando-se uma permanência ou resgate, conforme destaca o discurso oficial da igreja, dos “verdadeiros valores e práticas do evangelho”. Estes, dizem respeito, em grande medida, a um determinado tipo de moral sexual, cujo ponto de partida é a forma de apresentação dos/as fiéis, mais destas que daqueles, tendo em vista, serem seus corpos “por natureza” *locus* de “tentação” para os homens.

Visando apreender esta realidade nos utilizamos de técnicas de pesquisa que se inserem no amplo espectro da abordagem qualitativa, que privilegia a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos a eventos, situações, processos e personagens que fazem parte de sua vida cotidiana (Minayo, 1992). Foram realizadas vinte entrevistas semi-estruturadas em profundidade (Bauer & Gaskel, 2002), sendo onze com mulheres e nove com homens, dos/as quais quatro eram adultos - três homens e uma mulher - e os/as demais eram jovens. Os/as jovens tinham idades que variavam dos entre 15 aos 29 anos, sendo consideradas diferenças entre os “jovens mais velhos” (entre 20-29 anos) e os “jovens mais jovens” (15 a 20 anos). Os adultos encontravam-se na faixa etária dos 30 aos 50 anos, representando, grosso modo, a “geração dos pais”, embora nenhum deles/as fosse efetivamente, pai de algum de meus/minhas interlocutores/as jovens. A maioria dos/as jovens freqüentava regularmente atividades e cultos das suas igrejas, vários/as deles/as exercendo posições de liderança³. Uma jovem estava afastada e três dos adultos (três homens) eram ex-membros da denominação.

Entre os/as interlocutores verificou-se uma heterogeneidade em relação à local de habitação, renda e escolaridade, sendo eles originários principalmente dos bairros periféricos de Recife e região metropolitana do Recife⁴. O grupo entrevistado se caracterizava por apresentar, em relação à escolaridade, um nível superior ao do público médio que freqüenta a denominação, o que se deve principalmente ao modo como inicialmente foi feita a pesquisa, a partir do contato com assembleianos/as que estudavam nas universidades Federais de Pernambuco.

Foram também observados cultos, cerimônias, eventos e alguns momentos de informalidade entre os/as entrevistados/as. Em alguns casos, foi possível adentrar ao cotidiano do contexto familiar, de estudo e de trabalho destes/as. Ainda nos utilizamos de instrumentos analíticos auxiliares como: escuta da rádio evangélica da Assembleia de Deus local, e observação de sites e comunidades virtuais constituídas por membros ou lideranças da denominação⁵. O trabalho de pesquisa foi realizado entre os anos de 2006 a 2008.

Um corpo disciplinado: Juventude, sexualidade e *ethos* religioso Assembleiano

Ser diferente se apresenta como representação fundamental que distingue o/a jovem “crente” do/a “incrédulo/a”. Se implica em renúncia, ancora-se, sobretudo, na “afirmação positiva” de um modo específico de viver em contraposição ao que “o mundo” oferece. Este, entretanto, se aproxima e se imbrica com contextos seculares de várias formas, o que por vezes denota paradoxos e ambivalências nos discursos e nas práticas dos/as jovens.

Ser jovem assembleiano/a também é ser normal, afirmam os/as interlocutores/as, ressaltando que a diferença que os distinguiria a princípio, não os/as separa da realidade que perpassa o “ser jovem” em sociedade, estabelecendo, eles, porém, uma interlocução diferenciada nos contextos com os quais crescentemente se envolvem.

Eu acho que ser jovem crente é ser separado do mundo; é ser uma pessoa que segue ao que Deus deixou quando ele subiu ao céu; a igreja somos nós, somos separados. Temos liberdade como qualquer outro, mas não usamos essa liberdade para fazer besteira (Rosa, 20 anos, “criada no evangelho”).

Jovem crente não pode estar no meio do ímpio; assim, pode conversar, mas não pode se envolver. Tem que ter a diferença; ele tem que mostrar que é crente: jogar bola, vídeo game, não pode nada disso. Como a menina não pode estar de namorico, tem que ser diferente. Apesar de que na igreja tem muito disso, que acontece, mas não pode (Robério, 16 anos, “criado no evangelho”).

Para o/a afiliado/a da Assembleia de Deus há determinadas prescrições que devem ser obedecidas, apresentando uma conotação bastante

importante na representação de um “indivíduo separado do mundo”. Elas dizem respeito, principalmente a diversos aspectos relativos à vivência da sexualidade, representando os “pecados” ligados a esta esfera de comportamento um nível elevado na escala das transgressões⁶.

Isto se evidencia na preocupação da igreja em cada vez mais orientar, principalmente os/as jovens, que seriam mais propensos a sucumbirem ante os discursos “modernos” (Duarte, 2006). O que se dá tanto nos eventos voltados para estes/as: palestras, estudos, congressos, ou culto de doutrinas, entre outros, nos quais se repete à exaustão a premissa de que os mesmos devem ser diferentes da grande massa corrompida: ser puro, santo, sendo tais qualidades, em grande medida, associadas ao modo como se lida com o corpo e a sexualidade.

A preocupação, que se afirma no discurso das lideranças da igreja, traz como justificativa crescentes transformações nos valores e costumes nos “tempos modernos”, se afirmando a necessidade de não adesão ou afastamento de padrões que cada vez mais se tornam hegemônicos dentro da sociedade. Procura-se reforçar nos/nas jovens a ideia de que “o mundo” cada vez mais caminha em direção à “degeneração”, expressa em várias ocorrências abundantemente referidas pelos pregadores, com destaque para a situação de decadência das relações humanas. Prostituição, “homossexualismo” e infidelidade conjugal se encontram entre os temas mais referidos. A ideia é contrapor-se ao discurso do “mundo”, destacando a necessidade de conviver em meio as suas “concupiscências” sem participar delas, particularmente no que diz respeito à moral sexual.

Esta mensagem até certo ponto surte efeito, mas não o suficiente, haja vista o reconhecimento por parte dos/as entrevistados/as e de lideranças da igreja, de que os/as jovens da igreja cada vez mais se assemelham aos do “mundo”. Veja-se sobre isto, a fala de uma liderança da igreja:

As coisas estão tão terríveis que às vezes a imoralidade mina e faz algumas brechas no meio da igreja. E hoje ela está fazendo a mesma coisa. Tem gente na igreja fazendo a mesma coisa. Tem gente na igreja no homossexualismo masculino e feminino cantando em coro, pensando que vai para o céu.

Não obstante este reconhecimento, os/as entrevistados/as, mesmo os/as que consideram exageradas certas normas relativas aos “usos e costumes”, afirmam concordar com o que determina a denominação sobre a sexualidade assim como sobre as sanções relativas a transgressões nesta

esfera do comportamento. Este é o caso de Jacilene, que vê a vivência da sexualidade como um elemento fundamental que distingue o/a jovem evangélico/a, aliando tal perspectiva a uma determinada visão de sociedade e de família.

E – Para você, o que é que é essencial e não pode ser driblado, tem que ser seguido?

J – Veja bem, têm as doutrinas, sexo só depois do casamento. Tem gente que... Isso é um dogma da igreja e do cristianismo. A igreja católica é que tá mais *Lgbt*, mas isso é “prego batido” e “página virada”, e quem foge dessa regra quebra a cara. É incrível, vem pessoas pra gente e diz: não vale a pena não, e eu pretendo fazer isso. Eu sou humana, por isso que uma pessoa que não é crente não ia entender isso, se eu namoro com um rapaz crente vai ser complicado, mas os dois dividem isso, pelo menos a família tem uma base, a família é a base da sociedade (Jacilene, 25 anos, “criada no evangelho”).

Há reconhecimento de que o sexo é bom e dá prazer, o que não é condenável, desde que dentro de um contexto apropriado para sua realização. Sua concretização prematura traz prejuízos ao/a jovem, que então passa a viver em prostituição, perdendo, acima de tudo, o elo com a divindade. Neste sentido, o zelo com o corpo representa acima de tudo, um cuidado especial com o “templo do espírito”, ao passo que usufruir dos prazeres que a sexualidade propicia fora das normas prescritas representa a quebra do elo espiritual da pessoa e de toda a comunidade⁷. Os/as entrevistados/as tendem a se eximir de “delitos graves”, há, contudo, referência constante a alguém que transgrediu, ou uma afirmação de que as coisas estão mudando.

Além da pressão dada à crescente mudança de valores e dificuldade de se abster de sua influência, certa ambiguidade na condução da igreja parece favorecer a uma gradual mudança de comportamento dos/as jovens da denominação. Se há no seio desta uma unanimidade quanto à importância de determinados pressupostos relativos à sexualidade a serem seguidos e sobre as punições em caso de ocorrência de transgressão, nem sempre as coisas funcionam como no “modelo”. Em determinadas situações, por exemplo, pode-se deixar às escondidas determinado fato, como a perda da virgindade de uma jovem, desde que haja um compromisso de casamento, o que pode ser realizado contrariando aos princípios da igreja. Este “jeitinho” é alvo de crítica daqueles/as que defendem a permanência nos valores que fundamentam a fé. Segundo eles, a persistência deste tipo de comportamento enfraquece espiritualmente a igreja.

O processo de modernização (administrativa) e aproximação do *modus operandi* do mundo, assim como a crescente presença da classe média, convergem no sentido de criar entraves à separação desejada “deste mundo”, o que representa uma espécie de contradição aos olhos de muitos membros da denominação. Fica por vezes a dúvida sobre o que do mundo é certo e aceitável e o que não é, quando no passado isto era estabelecido de modo claro.

A maioria dos/as jovens entrevistados/as demonstra ter transgredido ao menos num “delito”: quase todos já “ficaram” com alguém. Fala-se quase sempre num contexto de vivência passada, sendo a experiência representada como uma falha ou sinal de falta de maturidade de que, em geral, dizem se arrepender. Abordaremos em seguida esta “nova” modalidade de relacionamento amoroso entre os/as jovens assembleianos/as.

“O ficar do/a jovem assembleiano”: Entre normas, desejos e transgressões

O “ficar” é um tipo de relacionamento de ocorrência relativamente comum entre os/as jovens nos dias atuais (Chaves, 2001; Bozon, 2004). Segundo Chaves (2001), tal termo surge a partir dos anos 80 do século passado, e embora tenha um lugar dentro do social, não apresenta fronteiras bem demarcadas. Não é assimilado por todos, não é socialmente aceito ou legitimado como forma vínculo amoroso, o que, se ocorresse, o faria perder o sentido de representar uma espécie de fuga ou oposto a algum tipo de formalização, conforme também pode ser visto entre os/as interlocutores/as.

Segundo a autora, o “ficar” seria um código de relacionamento marcado pela falta de compromisso e pela pluralidade de desejos, regras e usos. O objetivo principal seria a busca do prazer num encontro de um dia ou uma noite que pode ir da troca de beijos a uma relação sexual. Seria a maneira mais fácil de chegar perto do outro sem se comprometer, representando um exercício de sedução. Tal código de relacionamento só poderia ganhar espaço numa sociedade formada por indivíduos que se pensam como autônomos e singulares; que valorizam a espontaneidade, a liberação da sexualidade e da agressividade, a verdade interior e o desejo próprio. Uma sociedade hedonista, consumidora e pouco resistente à frustração (Chaves, 2001, p. 13).

Para a autora, com o que concordamos e enfatizamos neste trabalho, não se pode pensar tais fenômenos, sem levar em conta suas distinções e nuances; notadamente, que se pode operar múltiplas formas de conciliar princípios individualistas e hierárquicos. Neste sentido, reiteramos a perspectiva de considerar modos distintos de vivenciar fenômenos que supostamente perpassam o “ser jovem” nos dias atuais, particularmente no que diz respeito à vida afetiva e sexual, como “o ficar”, destacando marcas diacríticas que particularizam as experiências sexuais e afetivas em distintos grupos (Monteiro, 1999; Rohden, 2005; Scott, 2007; Longhi, 2007; Franch, 2007).

“O ficar” dos/as jovens assembleianos/as tem suas especificidades. Em princípio, se trata de algo de que se fala com relativa naturalidade, em geral se atribuindo aos/as mais jovens, ou remetendo-se a quando se era mais jovem ou ainda não convertido.

F – Ficar é beijar, abraçar, essas coisas?

D – Normalmente o ficar que a turma comenta é ficar o mais rápido e inclui relação sexual. Agora, a igreja não aceita isso não.

F – Dentro da igreja é assim também?

D – Não, é só beijar, abraçar, ficar num local escondido, só. Eu não concordo com o ficar, eu concordo com o namoro, noivado e casamento, ficar é uma coisa sem compromisso... O jovem que gosta de ficar, ele não tem compromisso com a igreja.

F – Você já ficou?

D – Sim, eu fiquei com uma moça e quase que... Faltou pouco (Davi, 22 anos, “criado no evangelho”).

Observa-se uma imbricação de concepções ligadas ao *ethos* rigorista assembleiano, com a reprodução de tradicionais lugares de gênero, a exemplo do modo como alguns rapazes se orgulham e contam vantagens sobre suas conquistas amorosas para seus pares (Heilborn, 1999; Leal & Boff, 1997); considerando ainda que “o ficar” remete, conforme acima assinalado, a um relacionamento que apresenta uma base individualista (moderna). O que aponta para a complexidade e ambivalência de situações e movimentos vividos pelos/as jovens em relação ao que envolve a religiosidade e a sexualidade.

As moças, mais que os rapazes, demonstram em suas falas, sentimentos de vergonha, culpa e arrependimentos associados ao ficar. Veja-se

a fala que se segue, cujo modo (e entonação) nos fez lembrar uma espécie de confissão.

R – Teve uma vez que foi numa viagem da igreja e teve outra vez que foi na escola.

F – Com um menino da escola?

R – Foi. Mas é uma coisa, assim, esquisita porque é uma coisa que a gente não vai ter compromisso, que é só um momento.

F – E tu tinhas consciência que era só um momento?

R – Tinha, mas foi mais assim por aventura, aí eu fui, mas depois me arrependi porque quando termina é aquele negócio; passa um tempo, aí fica frio, mas não é a mesma coisa.

F – Todos dois eram amigos?

R – Foi. O outro não era muito não, mas viajou. Mas esse era amigo; fica aquela coisa esquisita.

F – No caso assim de ficar, seria beijar, essas coisas?

R – É, é uma besteira! (Rosa, 20 anos, “criada no evangelho”).

Tal forma de expressão pode ser relacionada com a performance demandada das moças, que ainda que cometam “certos erros” (e mesmo que recaiam neles), precisam vê-los ou representá-los de uma maneira negativa, de modo que possam manter coerência com a imagem esperada: adequada para uma jovem crente. No caso dos rapazes, embora mais raro, observam-se também arrependimentos ou recuos, como na fala que se segue, de Davi, que ficou com uma moça não crente, algo eminentemente perigoso e/ou constrangedor, conforme melhor discutiremos mais adiante.

O que fez você não continuar para além das carícias? É difícil explicar, mas acho que foi a preocupação com a minha vida espiritual, foi o que me fez alerta que não ia dar certo. Eu ia acabar fazendo uma mãe solteira, que eu não ia casar que não tinha interesse em casar com ela. E então com uma responsabilidade enorme de cuidar de um filho (Davi, 22 anos, “criado no evangelho”).

Observa-se uma maior ou menor conotação de desvio em função da publicização do “ficar”, do local em que ocorre e da maior ou menor rigidez da congregação/comunidade religiosa local, verificando-se, em

linhas gerais, uma tendência a crescente tolerância para com tal forma de relacionamento (dentro de certos limites, claro) pelas lideranças da igreja.

Os locais propícios ao “ficar” seriam: as viagens dos/as jovens para outras igrejas, a escola, o caminho entre a escola e a igreja ou entre a igreja e a casa, os shows gospels e outros eventos evangélicos. Quanto às viagens é importante observar que o intercâmbio entre as várias congregações representa uma tradição dentro da igreja (Hoffnagel, 1978; Silva, 2001), constituindo para os adeptos da AD, uma forma de sociabilidade e lazer, particularmente, para aqueles/as de contextos periféricos, que dispõem de poucos meios para vivenciarem outras sociabilidades comuns aos jovens das classes médias. As viagens favorecem uma maior integração e a criação de redes que tem marcado historicamente a ocorrência de encontros amorosos e compromissos de casamento, nos dias atuais, passando a favorecer também o “ficar” entre os/as jovens.

No caso de se ficar com alguém da comunidade religiosa local, além de um provável constrangimento no cotidiano, mais apreensível no discurso das moças, também se pode mais frequentemente sofrer advertência ou ser instado a namorar, o que assusta principalmente os rapazes “mais novos”, muitos dos quais só pretendem namorar para casar, segundo prescrevem as normas da igreja, alegando que não poderiam fazê-lo, uma vez que não têm condições financeiras que possibilitem a realização de tal projeto.

Se “fica-se” dentro do grupo de jovens da igreja, para que se fuja dos constrangimentos e obrigações acima mencionados, é importante a construção de uma rede de solidariedade com a qual se possa contar para a administração do segredo (Gomes e Natividade, 2006). Para tanto, as relações de confiança e cumplicidade entre amigos/as de semelhante faixa etária (neste caso, quase sempre adolescentes) mostram-se salutares.

Os relacionamentos “mistos”, com pessoas não crentes (mesmo aqueles que diferentemente do ficar são legitimados socialmente, como o namoro e o casamento), não costumam ser bem vistos dentro da denominação, não obstante, conforme demonstram vários estudos (Machado, 1997, 2005; Matos, 2007; Couto, 2001). A perspectiva da mulher que traz a família para Cristo faça parte da realidade e do ideário pentecostal e assembleiano.

O ficar na escola tem grande chance de ser associado a um “outro” não crente, podendo-se apreender este espaço como livre das amarras da igreja, se comparado à comunidade local, à comunidade evangélica e a família (que, por vezes se fundem, notadamente no caso dos/das jovens oriundos de berço evangélico).

Os shows *gospels* são eventos quase sempre não recomendados pela hierarquia da igreja, que tenta vetar a participação dos/as jovens, principal públicos destes eventos, com ameaças de punição. O que, na atualidade, muitos não levam em conta, talvez por saberem que as punições dificilmente serão levadas a cabo, como no passado⁸. Os/as jovens interlocutores/as, em linhas gerais, mencionam ter ido a estes shows e não terem gostado do que viram, por vezes citando outros/as jovens da igreja que se aproveitam destes espaços para “aprontar”: dançar, pular, usar roupas consideradas inadequadas e “ficar”. Mais uma vez poderá entrar em ação a estratégia de administração do segredo (Gomes e Natividade, 2006), fundada na amizade e cumplicidade forjadas dentro da igreja, como forma de proteção dos/das envolvidos/as.

Há que se considerar a dinâmica das igrejas centrais, que tendem a apresentar um caráter diferente daquelas da periferia, nelas se pode participar, em princípio, abstendo-se de certos controles aos quais se está sujeito numa congregação que gira em torno de uma comunidade local, com as características que configuram os grupos populares e suas lógicas de funcionamento, como as congregações periféricas (Scott, 2007; Duarte, 2005, 2006; Couto, 2001).

O conhecimento por parte das lideranças sobre “o ficar” parece não gerar, salvo em contextos mais periféricos (e no caso de ter-se incorrido ou tornado público elementos supostamente mais graves ou a aparência destes) maiores punições; em geral, conduzindo a uma advertência por parte da liderança mais próxima ao grupo (seja de jovens ou adolescentes) e/ou afastamento de apresentações de grupo de que faz parte por um curto período.

O mais grave pode ser ficar marcado/a pela ocorrência de reincidências, que poderão afetar a forma como se é visto/a e o modo como se poderá ser inserido/a na comunidade religiosa em médio prazo. Pesa, neste caso, o valor que cada um atribui à vivência religiosa – que tem sofrido mudanças crescentes – e aos capitais com os quais se “joga” neste contexto. Observando-se que, dentro da lógica que perpassa o *ethos* pentecostal assembleiano, há sempre a possibilidade de remissão dos pecados pelo arrependimento e testemunho.

Ficar *per se* representa algo incorporado do mundo, estando entre os costumes e modismos deste aos quais os/as jovens da igreja não conseguem resistir e que a igreja tolera até certo ponto, levando em conta suas variabilidades internas. Este é, por vezes, associado à conversão de pessoas: jovens

(principalmente homens) que trazem “seus costumes” do mundo, e não se convertem de fato ou não conseguem transcendê-los na “nova vida”. Com associações negativas e projeção num “outro” capaz de desvirtuar “ovelhas inocentes”, procura-se negar ou amenizar a existência de processos internos à denominação que se atrelam de modo complexo a uma intersecção com valores e práticas que se disseminam na sociedade nos dias atuais.

Vale à pena salientar que a perspectiva da denominação é incorporada pelos/as jovens tendo em vista alguns nuances. Por exemplo, dos/as “criados/as no evangelho”, costuma-se afirmar que lidam melhor com as normas, por vezes “driblando os excessos”. Estes/as tendem a agir em função de uma perspectiva de sexualidade que apresenta um repertório mais limitado/menos elástico que os jovens de “fora”. Daí, a visão corrente acerca do perigo que representam os que, como “lobos em forma de cordeiro”, vem “caçar” as ovelhas da igreja. Tal representação tende a colocar principalmente os rapazes que se convertem em suspeição.

Isto não significa que os/as convertidos/as não sejam autênticos assembleianos, e por vezes até “demais”. Ao tempo em que representam um possível perigo, são vistos, em muitos casos, como excessivos em seus cuidados, notadamente quando da conversão. Isso por vezes é motivo de zombaria ou crítica pelos criados no evangelho, a partir da noção de que certas normas são impraticáveis ou mesmo desnecessárias de serem cumpridas a risca. Por sua vez, cuidados são vistos como necessários. Uma vez que, para alguém que já provou dos “prazeres da carne”, seria mais fácil ser atraído por estes, e conduzir outros/as. Supõe-se que eles têm menos “jogo de cintura” para driblar possíveis escapadelas ou “delitos” cometidos, ou segurar-se: ter o autocontrole exigido dos/as crentes.

Eu sou o único evangélico da família, então eu tive que mergulhar; é muito difícil pela influência do mundo. No comercial de cerveja os jovens são malhados, enquanto na verdade, quantas pessoas estão destruídas pelo alcoolismo. Então, é quando você tem que ter a base cristã. Tanto para minha mãe como para minha tia ser ou não ser não implica nada para elas (Geraldo, 23 anos, “convertido”).

O ficar, mesmo entre crentes, pode levar a “fatalidades”, expressas na “perda da virgindade” das moças, gravidez “não planejada” destas ou paternidade “não planejada” dos rapazes. É interessante observar a preocupação em relação a esta questão por parte dos rapazes, o que parece

representar um diferencial em relação ao modo como os homens em geral costumam encarar a reprodução, atribuindo a sua responsabilidade quase que apenas as mulheres (Arihla, Ridenti e Medrado, 1998; Quadros, 2005). Cometer pequenos delitos é algo tolerável, principalmente no caso deles, mas assumir uma gravidez com uma “moça não crente” representa um ônus pesado demais para se arcar; algo a que, sobretudo, aqueles que têm interesse de ocupar posições de prestígio e poder na igreja, precisam estar atentos/as.

O “ficar” nos moldes assembleianos se confrontado com o dos “ímpios” pode gerar conflitos, ambiguidades e constrangimentos, sendo algo totalmente desaconselhável, conforme vimos. No caso dos rapazes, chama a atenção “certos apertos” em função de equívocos cometidos tendo em vista concepções distintas (ainda que interligadas ou imbricadas) sobre o lugar de homens e mulheres em relação à sexualidade, considerando o diferencial que marca a perspectiva da sexualidade para o/a jovem assembleiano/a. Enquanto Davi quase “caiu em tentação”, se mostrando aliviado por ter resistido e não ter ido “até o fim”, Breno teme a forma como sua masculinidade poderá ser vista pelas garotas do mundo, tidas como acostumadas a um “ficar” que envolve relação sexual.

...Na igreja é só beijar e lá fora se você só beijar aí a menina vai dizer: “ele é muito devagar”. Aí o cara fica todo errado, aí acaba acontecendo coisas que não deve (Breno, 16 anos, “criado no evangelho”).

Tais situações vão de encontro ao que revelam alguns estudos acerca da diferenciação do comportamento sexual dos rapazes evangélicos, que se distinguem em relação à média dos/as demais jovens nas pesquisas (Monteiro, 1999; Rohden, 2005; Novaes, 2004) se comparados as moças em semelhante condição. Neste sentido, verifica-se que há, por um lado, cobrança da sociedade inclusiva para que os rapazes não se mantenham virgens e uma maior tolerância em termos gerais da igreja para com questões relativas à sexualidade que os envolvam. Os deslizos, caso ocorram, devem se dar de forma discreta, de modo que não venha a prejudicar a sua imagem nem a da igreja.

“O ficar” é formalmente rejeitado pela maioria dos/as entrevistados/as. O fato de ocorrer em certos espaços laicos ou a revelia dos olhos das lideranças, da família, da comunidade religiosa, e por vezes, da comunidade local, acentua ainda mais seu caráter de ilegitimidade e perigo. Não obstan-

te tal visão, “o ficar” parece fortemente incorporado entre os/as jovens, de modo claro e tolerável, entre os/as mais jovens, podendo-se delimitar suas características e especificidades no âmbito investigado. Representa, por um lado, o menor dos danos, podendo vir mesmo a ser funcional em tal contexto. Por outro lado, pode vir a representar o perigo da iniciação em práticas sexuais desaconselháveis, que abrem caminho para desvios e possíveis rupturas com a igreja e com a “verdade divina”.

O Namoro dos/as jovens assembleianos/as

O namoro representa uma modalidade de relacionamento amoroso legitimado tanto pela igreja quanto pela sociedade inclusiva, ainda que se observem transformações quando se compara o namoro do presente com o do passado, e o namoro que se concebe e se pratica em distintos grupos (Azevedo, 2004; Scott, 2006, 2007; Longhi, 2006), entre os quais aquele praticado pelos/as jovens assembleianos/as.

Embora o padrão de namoro tradicional tenha cedido lugar a outras normas e regras, ele não perdeu por completo a sua vigência. O namoro tradicional, conforme relatado por Azevedo (2004), conduzia, ou deveria, ao casamento, havendo forte controle familiar visando à preservação da virgindade das moças.

Nos dias atuais, a mudança maior se refere à quebra do vínculo entre namoro e casamento, tornando-se possível namorar pelo prazer da relação antes do casamento. A família também já não exerce um papel tão fundamental de vigilância. Mantém-se deste modelo, contudo, a perspectiva do compromisso, que se não remete necessariamente ao casamento, o pressupõe, ao menos em tese; se constituindo, em linhas gerais, como um vínculo estável, monogâmico e fiel (Chaves, 2001).

O namoro, segundo os ditames da denominação, se aproximaria do namoro tradicional, ganhando acentos mais próximos ou distantes de um “tipo ideal”; na perspectiva dos interlocutores, sofre variações em consonância com injunções e circunstâncias vivenciadas por estes nos dias atuais.

Observa-se, a princípio, na fala dos/as entrevistados/as, a perspectiva de uma marcante diferença em relação ao namoro do “mundo”.

Vamos fazer comparações, o jovem não evangélico é difícil encontrar pessoas que tenham um relacionamento sério, já entram com dúvida, já querem ficar um dia ou uma semana, ou só na festa. E o jovem evangélico tem

uma minoria ainda que “fica” também, mas o típico é entrar no namoro já visando um casamento, e muito cuidado com a sexualidade porque se tiver muita liberdade, se não fizer sexo no namoro faz no noivado, e isso antes do casamento, que é bíblicamente errado. O sexo foi feito pro casamento e não no namoro.

F – Normalmente, os jovens seguem esse caminho que você tá dizendo dentro da igreja?

D – A grande maioria sim, mas existem alguns que não seguem, existe alguns que não guardam o sexo pro casamento (Davi, 22 anos, “criado no evangelho”).

Verifica-se a referência a namoros que não seguem as normas apre-
goadas, ou as burlam em relação a determinados aspectos. Assim, conforme
rezam os relatos, referidos a amigos/as e conhecidos/as pertencentes à
igreja, as coisas não funcionam exatamente como deveriam.

Considerando que se deve casar virgem, é aconselhável ter certos cui-
dados que evitem ou interrompam o caminho que pode levar à transgressão.
Leva-se em conta, neste sentido, tanto a força do desejo que pode eclodir em
função de uma aproximação maior dos corpos, quanto do “olhar externo”,
pois, em certos contextos e circunstâncias, se pode ser mal interpretado.

J – Se o ideal é não transar antes do casamento porque levar isso ao ponto
que eu não vou conseguir controlar...

F – Qual o limite?

J – Cada um é que vai saber qual é o seu limite. Por exemplo: lá em casa a
gente não namora sozinha, tem que ter sempre alguém em casa.

F – E quando vocês saem?

J – A gente sai junto, não tem problema. (Jacilene, 25 anos, “criada no
evangelho”).

D – Nesses momentos dos abraços e beijos principalmente à noite, o am-
biente favorecia. A gente parava, conversava para um ajudar o outro, pra não
deixar os impulsos tomar conta de um jeito que a gente não pudesse parar
mais, avançar o sinal. Eu percebia que apesar de não avançar o sinal é como
se estivesse alimentando um desejo e mais tarde pudesse acontecer e o que
me deixava mais preocupado é que no caminho onde a gente passava tinha
um lugar escuro e a gente às vezes eu tinha medo de alguém ver.

F – Como assim?

D – Das pessoas que nos conheciam, da igreja; porque poderiam pensar que a gente tivesse no primeiro passo para o ato sexual porque para quem ta vendo às vezes um abraço as pessoas acham que a gente ta fazendo mil e uma coisas (Davi, 22 anos, “criado no evangelho”).

A última fala parece representar bem um determinado tipo de moralidade e sua relação uma vivência juvenil que idealmente foge ao que determina a sociedade inclusiva, podendo ser identificados conflitos e ambiguidades no relato de um rapaz que procura seguir as normas da igreja. Ao tempo em que ele não deixa de aproveitar e viver o afeto e o sexo possível no namoro, impõe a si e a sua parceira limites, com que esta também compartilha por ser uma moça evangélica; destacando-se o “temor do olhar do outro”, de sua avaliação e possíveis consequências.

O mais comum é a menção a mulher como aquela que deve “se segurar” e “segurar o outro” (Heilborn, 1999, 2006; Salém, 2004; Brandão, 2004), resistindo a uma “precoce entrega”, que poderia resultar em elevados custos para ela, conforme melhor desenvolveremos ao abordar diretamente a virgindade, em seguida.

A família aparece na perspectiva dos/as entrevistados/as, como “agente controlador” principal, como no “namoro tradicional” (Azevedo, 2004), estabelecendo limites para além da igreja ou comunidade. Não que os últimos não exerçam controle, notadamente no caso das congregações periféricas, o que fica evidente na fala acima; mas à família, particularmente, a evangélica, cabe abrir um maior ou menor espaço para o/a jovem ou casal, sendo também alertada ou responsabilizada diante de possíveis desvios ou transgressões destes. Tal perspectiva vai de encontro à noção de privatização da família, que neste caso, não se descola do controle da figura do pai/patriarca (Velho, 1999; Scott, 1990, 2006).

As moças da periferia tendem a ser entre todos/as, aquelas que mais tendem a vivenciar controles familiares e comunitários. Isto, por sua vez, pode concorrer para “fugas das vistas da igreja e da família” ou afastamentos do seio desta. Não que as jovens afiliadas às igrejas mais centrais não possam agir de modo semelhante. Contudo, considerando sua leitura mais individualista ou intelectualizada da “palavra”, assim como sua maior possibilidade de circulação por diferentes ambientes, apresentam condições de exercerem uma maior autonomia, não se valendo de certos subterfúgios. Neste caso, recomendações, mais que uma busca de controle direto, representaria a estratégia de controle mais eficaz.

Os rapazes crentes não sofrem as mesmas pressões pela guarda da castidade, podendo ser influenciados, principalmente em famílias plurais, onde o pai é de outra religião ou não é crente, a seguir o padrão hegemônico em relação à sexualidade, por vezes se “desviando” da igreja (Couto, 2001; Machado, 1996, 2005). O que não ocorre necessariamente, uma vez que há uma visão por parte de muitos pais (não evangélicos) de que ele está mais protegido na igreja, ainda que não tenha, conforme os padrões tradicionais, comprovada a sua masculinidade, deixando a cargo da mãe possíveis orientações.

O que foi e é inculcado representa cada vez mais o principal guia para o comportamento, considerando-se a diminuição de controles efetivos nos dias atuais por parte da denominação, notadamente para os membros das “igrejas centrais”. Daí a necessidade cada vez maior de se falar de sexo na igreja. O discurso da igreja, por sua vez, crescentemente concorre com outros para os/as jovens, mesmo que se trate de uma juventude que escolhe ser parte de um grupo que se auto-proclama diferente/distinto.

Ethos assembleiano e virgindade: Algumas considerações

A virgindade das moças aparece como um dos critérios centrais de escolha para o casamento pelos rapazes, conforme mencionado acima. Há uma maior valorização da “moça virgem”, o que mantém relação com uma estrutura na qual a sexualidade feminina e seu controle assumem centralidade. Veja-se sobre isso a fala que se segue:

Voltando à questão anterior, sobre os critérios, a virgindade seria um critério. Assim, se ela perdeu a virgindade antes da igreja, eu ia pensar. Eu não desistiria do casamento se soubesse. Dependia de quando ela perdeu a virgindade, da situação, se ela se insinuou, se foi na igreja, ou antes de ser convertida (Breno, 16 anos, “criado no evangelho”).

As moças não virgens representam uma opção de segunda categoria para o namoro na perspectiva dos/as jovens crentes entrevistados/as. Os rapazes dizem que até as namorariam, o que estaria condicionado à observação do seu comportamento, análise de como se deu a “perda” da virgindade e, principalmente, à existência de um sentimento forte: “se eu me apaixonasse”. A paixão ou o amor seria capaz de ultrapassar ou contornar de modo mais efetivo tal “deficiência”.

Observa-se, neste sentido, um imbricamento entre valores ligados ao *ethos* religioso, que não se desprendem daqueles que compõem o ideário romântico, que alude à modernidade. Isto se dá num contexto urbano em que é o “normal” é não casar virgem. Scott (2007) observa, sobre isso, que, nos dias atuais, fora condenações de pessoas que assumem a identidade de guardiães da modernidade – por adoção de uma dada fé religiosa, por exemplo – as relações sexuais pré-maritais, especialmente quando realizadas discretamente, não suscitam estranhamento nos contextos urbanos.

É claro por parte de algumas jovens declaradamente virgens entrevistadas, a noção de que detém um capital que é significativo no mercado matrimonial. Observa-se, por parte das não virgens, uma das quais é casada com um rapaz não crente, arrependimentos relacionados a tal condição.

E – É outra coisa uma mulher, a intimidade de marido e mulher. Porque eu não fui mulher dele, fui mulher de outro, então já era diferente, já não era de ser dele mesmo, com o corpo dele.

F – E tu querias que tivesse sido diferente?

E – Eu preferia ter sido dele mesmo que de outros, apesar de nunca ter sido de tá com um e com outro. Ele foi o segundo homem a ver meu corpo, não teve outro. Com o primeiro não deu certo. E ele até hoje, até casada, prá trocar de roupa, ele me vê nua, mas, eu tenho vergonha. Se eu estiver no banheiro e ele chegar, eu tenho vergonha (Eliza, 23 anos, “convertida”).

F – Você acha que uma moça que não é mais virgem tem dificuldade de arranjar um namorado na igreja?

W – Eu acho que um pouco, porque os rapazes procuram mais moças, acho que pelo fato de aquela pessoa ser uma mulher, dizem: “eu queria uma moça”. Só que eu acho que isso não tem nada a ver, o que vale é o caráter da pessoa (Wilza, 18 anos, “convertida”).

Constatam-se repercussões na subjetividade e auto-estima, que parecem relacionadas a uma aprendizagem do estigma social (Goffman, 1988). No caso da jovem solteira, isto se dá de modo ainda mais efetivo e contundente. É possível que tal status inferior concorra para o afastamento de jovens mulheres da igreja, o que aparece nas entrelinhas de algumas falas nas entrevistas.

As moças não virgens podem participar da igreja e chegar serem membros desta, devendo para ser “bem aceitas” apresentarem um comportamento exemplar. Oficialmente estarão afastadas de alguns órgãos e

atividades de que os/as demais jovens participam. Na classe dominical deverão sentar junto às senhoras e participar do coro dos adultos. Isto em geral é visto com naturalidade. Trata-se de uma pessoa que tem uma experiência diferente dos/as demais jovens, se tornando adulta ao ter iniciado sua vida sexual. Subtendida parece estar a noção de que sua presença entre os/as jovens pode vir a comprometer de alguma forma a pureza destes/as. É importante lembrar que isto tende a variar em função da igreja. A depender da maior ou menor centralidade da igreja a condição de discriminação ou exclusão poderá ser exacerbada ou amenizada.

F – uma moça que não é virgem é discriminada na igreja?

D – existe uma exclusão mínima, mas existe, e não é por parte dos jovens não. Mesmo não sendo mais virgem, mas se é dedicada à família, à igreja... (Davi, 22 anos, “criado no evangelho”).

Tal perspectiva envolve um contexto de desconfiança em relação às jovens convertidas a *posteriori* e insatisfação das “criadas no evangelho”. Segundo alguns/algumas entrevistados/as, sobre as primeiras por vezes é difícil discernir se são ou não virgens, o que as deixaria numa condição de suspeição e ao mesmo tempo em vantagem em comparação as segundas em semelhante condição. Não se pode esquecer que um dos pressupostos da preleção pentecostal afirma que a conversão e a fé libertam de todos os pecados, apagando o passado das pessoas como que “passando uma borracha”; o que parece se aplicar de modo apenas parcial neste caso.

As moças não virgens, ou aquelas que se convertem sem que se saiba do seu passado, representam quase sempre uma incógnita; sua presença causa certo mal-estar no grupo. As jovens da igreja, por vezes, se queixam disso. Enquanto elas seguem as normas, chegam outras que não se sabe de onde vieram e fica tudo por isso mesmo. Há certo melindre em relação a esta questão, principalmente nas igrejas mais centrais, onde se fica menos à vontade para ir direto ao assunto.

A exigência em relação à castidade seria em princípio tanto para homens quanto para mulheres, entretanto, verifica-se maior flexibilidade e tolerância para com o comportamento dos rapazes. As moças não fazem questão de namorarem ou se casarem com homens virgens, ao contrário dos homens. Há, contudo, por parte de algumas jovens entrevistadas, uma percepção de injustiça em relação ao fato de um homem não virgem

poder casar sem problemas na igreja, enquanto uma mulher não virgem não poderia vivenciar este ritual, tão significativo neste contexto religioso.

Há especificidades em relação a vivência da sexualidade entre os/as assembleianos/as, que, por sua vez, se imiscuem com visões que permeiam a lógica da sexualidade brasileira, notadamente aquela atrelada aos grupos populares (Parker, 1994, 2002; Heilborn, 1999; Leal & Boff, 1997; entre outros). Por exemplo, na noção, que aparece de modo mais ou menos explícito, de que os homens seriam mais impulsivos sexualmente e por isso precisariam ser contidos pelas moças crentes. Deriva-se disso que os homens que não “se seguram” e ficam com uma moça “de fora” devem ser tolerados ou perdoados pelas crentes. Acima de tudo, coloca-se a honra das mulheres, sobretudo sua castidade, como epicentro de um modelo de moralidade religiosa.

Muitas vezes é a gravidez que denuncia que “se pecou contra a castidade”. A confissão (mais comum no passado que no presente), as confidências e a fofoca parecem dar conta da outra possibilidade. Os/as entrevistados/as adultos/as revelam que era comum e o correto, fazer uma confissão às lideranças ou mesmo em público na congregação, do “erro” cometido. O que era motivado principalmente pelo forte sentimento de culpa, resultado do comprometimento interno com o *ethos* religioso. Para dois homens que passaram por isso, tais experiências são representadas como algo doloroso, de que se arrependeram posteriormente. Veja-se a fala de um deles a seguir:

F – Você já foi disciplinado?

R – Duas vezes, uma porque a minha esposa ficou grávida antes do casamento, e isso é um pecado enorme dentro da igreja, e nós mesmos procuramos o ministério e aceitamos a disciplina, até então vivíamos num céu, mas depois disso passamos ao purgatório se é que existe, pra não dizer num inferno.

F – Vocês foram como casados, ou...?

R – Antes disso, fomos discriminados, escanteados, humilhados pelos próprios membros e assim mesmo passamos por disciplina, vencemos e ganhamos a comunhão. É incrível, parece que é mágico, uma vez que você consegue a sua reconciliação, tudo que fizeram contra você antes, apagam tudo, fica tudo normal (Robson, 38 anos, “convertido”).

Tal trecho da fala de Robson remete ao que Turner (1974) vai denominar liminaridade ou fase liminar, um ritual de distanciamento do

indivíduo da estrutura social, com posterior retorno com um novo status. Esta condição poderia ser comparada à morte, à invisibilidade ou a outros “estados” que demonstram que, como seres liminares, os indivíduos não possuem status, qualquer que seja. No caso, seria uma espécie de perda e recuperação de status diante da congregação/igreja.

Há possibilidade de driblar e de fingir papéis, a depender da importância que detém para a pessoa a adesão, a que esta é associada enquanto valor e prática. Todavia, sabe-se que “se joga” com capitais de várias ordens, e corre-se o risco, por exemplo, de ao se fingir ser virgem, ser desmascarado, o que pode gerar além de constrangimentos, repercussões de várias ordens na carreira da jovem crente.

Homossexualidade: estereótipos, estigmas e curas

Se na sociedade inclusiva observa-se, em grande medida, uma perspectiva estigmatizante acerca da homossexualidade (Parker, 1994, 2002), pode-se afirmar que ela se exacerba e ganha configurações específicas em tal contexto eclesial pentecostal, que tem como centro uma rígida moral sexual (Natividade, 2005; 2007).

No site da CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil) há um tópico dedicado a este tema. Veja-se um trecho que aborda o “homossexualismo”:

“O homossexualismo” é condenado pela bíblia, é pecado abominável aos olhos de Deus (Lv 18.22). A bíblia chama tal prática de prostituição, porneia, no grego (jd 7). A palavra de Deus diz direta ou indiretamente que os “sodomitas e os efeminados”, expressão bíblica para designar homossexuais, não herdarão o reino de Deus (1Co6.9,10).

Natividade (2007) observa que entre os pentecostais a homossexualidade é relacionada à incorporação de espíritos malignos ou ao aprendizado daquilo que é antinatural, viciante ou doentio. Ele vai denominar “construtivismo moral” ao conjunto de discursos que, embasados em tais pressupostos, retiram a aura de estado imanente, de expressão de uma “certa natureza” da homossexualidade. Nesta perspectiva, tal natureza será vista como algo externo, podendo sua cura ser obtida através da busca de santificação, através da adesão religiosa.

Dentro da doutrina da igreja prevalece a visão da homossexualidade como fruto da incorporação por demônios, perspectiva que também é demonstrada pela maioria dos entrevistados/as. Estes/as fazem referência à presença de ex-homossexuais nas igrejas ou de ter ouvido testemunhos destes sobre sua cura ou transformação. Há referência ainda aos que entram e não conseguem permanecer ou sofrem recaídas, o que em geral é atribuído a falta de empenho necessário por parte daquele/a que se propõe a uma transformação, e, por vezes, a própria natureza do “pecado”, como se fora a homossexualidade uma espécie de vício/doença de difícil cura. Sem transformação não é possível participação na igreja – quer como congregado ou como membro.

Um aspecto que se destaca na leitura dos/as entrevistados/as é a associação entre homossexualidade e “feminização” dos homens, – ou com a aparência de feminilidade evocada principalmente na fala e nos gestos. Assim, sobre casos citados de “ex-homossexuais”, diz-se que há alguns que ainda guardam trejeitos, dos quais não conseguiram se livrar, não obstante os esforços. Menciona-se quase sempre que eles têm mulher e filhos, são integrados na igreja, havendo referência ainda a pastores e lideranças que dão testemunho sobre a transformação ocorrida em suas vidas.

Tem alguns adolescentes que se convertem que são muito efeminados. Por exemplo, eu tive um colega que ele dizia prá eu prestar atenção nele prá ele falar grosso. Agora, tem que ter uma proximidade, apesar de tudo ele é ser humano (Breno, 16 anos, “criado no evangelho”).

K – Na minha igreja tem uma pessoa que é ex-homossexual, mas ninguém ouviu falar nada dele. Eu percebo uma coisa assim na fala, mas a igreja não aceita não... A igreja não pode excluir porque é uma pessoa que precisa de Jesus.

F – Uma pessoa que é homossexual pode participar dos cultos?

K – Pode, agora não tem participação ativa.

F – É um congregado?

K – Não é considerado congregado não.

F – Porque congregado é uma pessoa que tem compromisso, né?

K – É (Kátia, 26 anos, “criada no evangelho”).

Em princípio, um/uma homossexual declarado não tem espaço na denominação, podendo frequentar suas congregações como visitante, até mesmo porque não se pode proibir qualquer pessoa de adentrar aos templos⁹. Ele/ela pode, evidentemente, se converter, e então vir a fazer parte desta, chegando a ser membro, caso deixe claro o abandono da homossexualidade, por vezes, testemunhando a cura ou regeneração vivenciada, o que é comumente referido pelos/as entrevistados/as.

Lidar com tal questão é sempre algo problemático na igreja. À semelhança da questão da virgindade, mais contendo nuances ainda mais complexos, a homossexualidade é vista como um “pecado” passível de perdão, transformação ou cura. Segundo certa “psicologização” vigente na igreja, notadamente nos seus estratos centrais, mais escolarizados e de maior renda, reconhece-se que isto requer tempo. Dar tempo para uma transformação em tal forma de comportamento, por sua vez, é algo que não se encaixa bem neste espectro doutrinário. A forma preconceituosa e/ou ambivalente com que se lida com a homossexualidade, tende a conduzir à exclusão dos ex-gays, corroborando para desvios ou vivência de “dupla vida” por parte destes.

Os adultos entrevistados enfatizam de modo mais contundente sofrimentos inerentes a tais condições dentro da igreja, o que, segundo estes, concorreria para que gays crentes perpetuem vidas paralelas ou “duplas”¹⁰.

S – Primeiro, se ela for homossexual e for conhecida, ela sofre, porque eu tenho pessoas aqui que são homossexuais e eu digo, é melhor ficar na clandestinidade, ficar oculto, porque você é desprezado mesmo. As amizades deles também são pessoas desmunhecadas ou então muitas irmãs, nunca é heteros. Mas é uma coisa assim, meio hipócrita, aquela mancha fica na pessoa. Então pra quê você dizer uma coisa que você não vai ser aceito?

F – Essas pessoas que você ta falando, são pessoas que já confessaram?

S – Já confessaram e vivem numa situação de marginalidade (Sérgio, 40 anos, “convertido”).

Mesmo os/as interlocutores/as que apresentam sobre vários aspectos, uma postura mais crítica, consideram que não há espaço para o/a homossexual na igreja se não houver uma transformação definitiva em sua orientação sexual, uma vez que a Bíblia condenaria totalmente a homossexualidade.

A presença de homossexuais “não declarados” na igreja, ocupando espaços, inclusive de liderança, é vista como algo possível e factível, embora a abordagem de tal tema seja algo potencialmente difícil. Há de um lado uma condenação total, sabe-se da presença de homossexuais dentro da igreja, mas se prefere não aprofundar na discussão de tal condição. Conforme sugerem os/as interlocutores/as, ser “clandestino” talvez não seja pior que ser ex-homossexual, principalmente, enquanto jovem.

A AD é em larga medida uma igreja de comunidade, em que tradicionalmente há uma vigilância mútua dos adeptos e das comunidades locais, até mesmo por conta da sua auto-representação como “modelo de ser crente”. Quem tem uma “dupla vida” sabe disso e toma as precauções necessárias, estando sempre sob risco de ver revelado seu segredo. Conforme Natividade (2005) costuma ser motivo de grande angústia tentar conciliar, por vezes, com dilemas internos, a sexualidade e a fé, num contexto incompatível com tal possibilidade.

Se para outras situações/condições (como em relação à questão da virgindade) há fortes sanções, mas há também possibilidades de conserto, podendo-se seguir um curso de vida normal. Para a homossexualidade a possibilidade de “arrependimento” e “cura”, única alternativa considerada legítima, dificilmente se dará sem suspeição ou cicatrizes que não fecham totalmente. Muito menos se pode pensar, no contexto analisado, numa conjunção em que se vivencie abertamente a sexualidade e a fé.

Considerações finais

Neste artigo apresentamos e discutimos o modo como jovens assembleianos/as fazem escolha por uma distinção, o que envolve uma auto-percepção de separação do “mundo secular”; mas não significa, *strictu sensu*, o afastamento das várias esferas deste, nas quais eles/elas cada vez mais se imiscuem.

O ponto de vista dos/das interlocutores/as guarda uma unidade na visão e delimitação de uma dada moral sexual (vivência da sexualidade e de vínculos amorosos), que mesmo “os/as mais liberais” não ousam questionar. Mesmo com a crescente flexibilização e tolerância por parte das lideranças da igreja - que varia em função de situações e contextos distintos - há limites que esbarram tanto na demarcação de uma identidade denominacional, quanto no sentido do que represente uma auto-identificação do/a jovem crente.

A percepção da sexualidade por estes/as é sempre referida à diferença entre o comportamento do crente e dos/as jovens do mundo, sendo enfatizado um tipo de moral específica que, mais que outros preceitos, distinguiria o/a jovem assembleiano (e evangélico) dos/as demais. Para eles/elas cria-se uma configuração peculiar de vivência da dimensão dos afetos e do sexo, sem desconsiderar o lugar de marcadores sociais e instituições outras em que circulam enquanto jovens inseridos neste mundo, vivendo as vicissitudes de uma dada geração.

Tal dimensão evidencia-se no modo como se vivencia os relacionamentos amorosos, como o “ficar” que representa uma clara invasão do “mundo” sobre a igreja, podendo ser visto, por um lado, como o menor dos danos. Ainda que possa vir a ser funcional, o “ficar”, por outro lado, pode vir a representar o perigo da iniciação em práticas sexuais desaconselháveis, que abrem caminho para desvios e possíveis rupturas para com a afiliação religiosa.

É em relação à sexualidade que se observa de modo mais evidente a imbricação entre normas da igreja e visões tradicionais atribuíveis a um sistema de gênero brasileiro. Que, por sua vez, se imiscuem com as noções e formas de vivenciar a sexualidade nos “novos tempos”, das quais estes/as jovens, com todas as ambigüidades que possam expressar, pretendem se diferenciar através de sua escolha religiosa.

Representam sempre maior gravidade os eventos e situações que envolvem a sexualidade das jovens mulheres, tidas como uma espécie de pilar central na lógica sob a qual se ergue a “construção moral” assembleiana no contexto local. É em função dessa lógica que se pode também pensar o modo como se lida com a homossexualidade.

Notas

¹ Ao longo do texto nos referimos, com maior ou menor destaque, a depender da temática abordada, às categorias: “jovens criados no evangelho” - que provém de origem familiar evangélica, e seguiram a religião dos pais, e jovens “convertidos/as” - que não provém de berço evangélico, tendo aderido à denominação na adolescência e/ou juventude. No artigo destacamos apenas alguns pontos em que tal classificação faz diferença, considerando o recorte temático deste. Na pesquisa entrevistamos treze “criados/as no evangelho” e sete “convertidos/as”

² A outra denominação, fundada no ano anterior, é a Congregação Cristã do Brasil, que embora pentecostal, apresenta características doutrinárias e na organização administrativa bastante distinta (Freston, 1996).

³ Os/as nossos/as interlocutores/as eram adeptos/as ou ex-adeptos/as de ADs filiadas à chamada Convenção de Belém, filiada a CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil).

⁴ Um jovem e uma jovem residiam em Jaboatão dos Guararapes, enquanto outro entrevistado morava em Paulista (Região metropolitana de Recife).

⁵ A abordagem desta temática se deu originalmente na tese de doutorado “Um/uma jovem separado no mundo: Igreja juventude e sexualidade entre jovens da Assembleia de Deus, em Recife/PE”, defendida no primeiro semestre de 2009 no PPGA/UFPE, sobre orientação do prof. Russel Parry Scott.

⁶ Abordamos a sexualidade a partir da perspectiva do *Construtivismo social*, que representa um esforço no sentido de rever concepções naturalizadas da sexualidade (presentes em estudos que partem de numa abordagem biomédica e psicanalíticas, principalmente) e problematizar a universalidade do “instinto sexual”, passando a vê-la como uma construção social e histórica de relações que atendem a múltiplos sentidos e finalidades (Loyola, 1999; Heilborn, 1999, 2004; Vance, 1995; Parker, 1994, 2002).

⁷ Para Machado (1997) a noção de pecado revela a forma ambígua como o prazer sexual é encarado pelos evangélicos. Tanto protestantes históricos quanto pentecostais diferenciam as relações sexuais dentro do casamento, sempre valorizadas e incentivadas e as de caráter pré-matrimonial e/ou extra-conjugais. Enquanto as primeiras expressam o amor, as demais constituem pecado, pois visam exclusivamente à busca (não legítima) do prazer, o que remete, segundo a autora, não só a uma vinculação entre sexo e reprodução, mas à defesa da instituição do matrimônio e da família.

⁸ Os relatos dos/as adultos/as revelam punições, tais como: afastamentos periódicos de órgãos de que faziam parte, ou repreensão pública. Nos dias atuais, as lideranças costumam ser mais tolerantes e cuidadosas, pois não querem perder seus/suas jovens, “fechando os olhos” para pequenos delitos, principalmente dos/as jovens de classe média. Os/as jovens têm certa consciência disto e, embora não afrontem diretamente a hierarquia, se utilizam crescentemente de estratégias visando driblar a vigilância da igreja sobre eles/elas.

⁹ A igreja cada vez tem mais cuidado com isso, temendo sofrer interpelações na justiça por violar direitos constitucionais ou por preconceito; o que, segundo alguns entrevistados, teria ocorrido no passado.

¹⁰ A condição de conflito e sofrimento psicológico decorrente da vivência do homossexual na igreja foi bem descrita e analisada por Natividade (2005).

Referências bibliográficas

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. M. (Org.). Apresentação. In: *Retratos da Juventude brasileira. Análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Perseu Abramo/ Instituto cidadania, 2005. p. 09-22.

ALVIM, R. *Juventude, diferenças e desigualdades*. Comunicação oral em: XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA (mesa redonda: Juventude na contemporaneidade). UFPE, Recife, 2007.

- ARILHA, Margareth; Ridenti, Sandra; Medrado, B. (orgs.) *Homens e Masculinidades: outras palavras*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.
- AZEVEDO, Thales. *O cotidiano e seus ritos: praia, namoro e ciclo de vida*. Recife: Editora Massangana, 2004.
- BAPTISTA, Saulo. “*Fora do mundo*” – dentro da política: Identidade e “missão parlamentar” da Assembleia de Deus em Belém. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - PPGS/UFPA – UFPA, Belém, 2002.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112 – 121.
- _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BOZON, Michel. A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas. In: HEILBORN, M. L. (org.). *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 119-153.
- CHAVES, Jacqueline. *Ficar com: um novo código entre jovens*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2001.
- CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL. <<http://www.cgadb.com.br>>, acessado em janeiro de 2008.
- COUTO, Marcia Tereza. *Pluralismo religioso em famílias populares: poder, gênero e reprodução*. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia)–PPGS/ UFPE, Recife, 2001.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. A sexualidade nas Ciências Sociais: leitura crítica das convenções. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (org.), *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004. p. 39-80.
- _____. *Ethos privado e justificação religiosa. Negociações da reprodução na sociedade brasileira?*. In: HEILBORN, Maria Luísa et alli (org.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2005. p. 137-176.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias et alli (orgs.). *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa, 2006.
- FRANCH, Monica. Jovens reassentados: construindo uma identidade coletiva. In: SCOTT, Parry; ATHIAS, Renato; QUADROS, Marion (Org.). *Saúde, sexualidade e famílias urbanas, rurais e indígenas*. Recife: Editora Universitária- UFPE, 2007. p. 123-147.
- FRESTON, Paul. “Breve história do pentecostalismo brasileiro”. In: Antoniazzi, Alberto et alli (org.), *Nem anjos, nem demônios*. Interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994. p. 67-99.
- GOFMAN, Erwin. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1998.

- GOMES, Edlaine; NATIVIDADE, Marcelo. Para além da família e da religião: segredo e exercício da sexualidade. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, vol. 26, n. 2, p. 11-39, 2006a.
- _____. Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. In: HEILBORN, Maria Luíza, *et alii* (orgs.). *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006b. p. 30-62.
- HOFFNAGEL, Judith. *The believers: pentecostalism in a brazilian city*. Tese (doutorado), Indiana University, Indiana, USA, 1978.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2001.
- LEAL, Ondina. Fachel.; BOOF, Adriana de Melo. Insultos, queixas, sedução e sexualidade: fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina (orgs.). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Relumê Dumará, 1977. p.119-135.
- LOYOLA, A.M. A sexualidade como objeto de estudo das ciências Humanas. In: HEILBORN, Maria Luíza (org.). *Sexualidade. O olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1999. p. 20-29.
- LONGHI, Marcia Reis. “Afetividade, gênero e relação intergeracionais da perspectiva de jovens e famílias”. In: SCOTT, Parry; ATHIAS, Renato; QUADROS, Marion (Org.). *Saúde, sexualidade e famílias urbanas, rurais e indígenas*. Recife: Editora Universitária-UFPE, 2007. p. 55-73.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. Identidade religiosa e moralidade sexual entre católicos e evangélicos. In: COSTA, A. O. *Direitos Tardios: Saúde, sexualidade e reprodução na América latina*. São Paulo: Editora 34, 1997. p. 173-195.
- _____. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 387-396, maio-agosto 2005.
- MAFRA, Clara. *Os Evangélicos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- _____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004.
- MATOS, Silvana Sobreira. *Tolerância e intolerância entre carismáticos e evangélicos em Campina Grande – PB*. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia)–PPGA/UFPE, Recife, 2008
- MINAYO, Maria Cecília. Souza. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: CITEC-ABRASCO, 1992.
- MONTEIRO, Simone. Gênero, sexualidade e juventude numa favela carioca. In: HEILBORN, Maria Luíza (org.). *Sexualidade - o olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999. p. 117-145.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal. In: HEILBORN, Maria Luíza *et alli* (orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2005. P. 247-272.

_____. Religião, sexualidade e direitos humanos. In: XIV JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS EN AMÉRICA LATINA. Asociación de cientistas sociales de la religión en el Mercosul. Universidad Nacional de San Martín. Buenos Aires, Anais. 2007

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; OLIVEIRA, Leandro. Algumas tendências recentes nos discursos evangélicos e católicos sobre a homossexualidade. *Sexualidade, Gênero e Sociedade*, n. XI, p. 01-05, 2004.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (orgs.), *Retratos da juventude brasileira*. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Perseu Abramo/ Instituto Cidadania, 2005. p. 263-290.

PARKER R. G. *Corpos, Prazeres e Paixões*. São Paulo: Editora Best Seller, 1994.

_____. *Abaixo do Equador*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2002.

QUADROS, Marion Teodósio. Homens e contracepções: entre a ausência e a participação. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL INCLUSÃO SOCIAL E AS PERSPECTIVAS PÓS-ESTRUTURALISTAS DE ANÁLISE SOCIAL. Recife. (Mimeo), 2005.

ROHDEN, Fabíola. Religião e iniciação sexual em jovens de camadas populares. In: HEILBORN, Maria Luíza *et alli* (orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2005. p. 177-206.

SALEM, Tania. “Homem... já viu, né? Representações sobre sexualidade e gênero entre homens de classe popular”. In: HEILBORN, Maria Luíza *et alli* (org.). *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 15-61.

SCOTT, Russel. Parry. O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. *Cadernos de Pesquisa*, n. 73, p. 38-47, 1990.

_____. Etnografia, contextualização e comparação no estudo de jovens e famílias. In: CAMPOS, Roberta; HOFFNAGEL, Judith (Org.). *Pensando família, gênero e sexualidade*. Recife: Editora Universitária UFPE, v. 1, 2006. p. 147-167.

_____. Morais, religião e sexualidade em contextos urbano, rural e indígena: namoro, aborto e responsabilidade. In: SCOTT, Parry; ATHIAS, Renato; QUADROS, Marion (Org.). *Saúde, Sexualidade e Famílias Urbanas, Rurais e Indígenas*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2007. p. 13-54.

SCOTT, Russel. Parry; FRANCH, Monica. *Jovens, moradia e reprodução social: processos domésticos e espaciais na aquisição de habilidades e conhecimentos*. 2002. Disponível em <<http://b1145w.blul45.mail.live.com/mail/inboxlight.aspx?folderid>>, Acesso em 23/08/08.

SILVA, Cláudio José. *A doutrina dos usos e costumes na Assembleia de Deus*. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciência as Religião)- PPGCR, Universidade Católica de Goiás - Goiania, 2003.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1974.

VANCE, C. S. A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, IMS/UERJ, Editora Relumé Dumará p. 7-31, 1995.

VELHO, Otávio. Globalização: antropologia e religião. In: ORO, Ari. Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Org.). *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 25-42.